

DRAMATURJAR:

do Verbo ao Laço que nos une

Por Thaysa Petry Lisbôa¹

O teatro é uma plataforma poderosa, que permite a expressão artística e social, especialmente quando se trata de dar voz às questões relevantes da juventude na contemporaneidade. Neste ensaio, compartilho o percurso da montagem do espetáculo "Quem matou Alice no País das Maravilhas?", produzido em 2022, pelo Grupo de Teatro Juvenil Kefi, fruto do Programa Bolsa Técnico Cultural da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer de Jaraguá do Sul. O grupo realiza aulas semanais, com duas horas de duração, no cineteatro do Centro de Artes e Esportes Unificados Mestre Manequinha, instituição que promove o ensino não-formal do teatro.

O processo de montagem do espetáculo anualmente inicia com discussões no coletivo sobre os temas relevantes no contexto em que os jovens vivem, seja familiar, escolar, político ou social. Buscamos entender o que esses jovens querem comunicar e como desejam expressar suas ideias. Embora cada adolescente tenha suas inquietações, anseios, medos e sonhos individuais, é desafiador encontrar um ponto de convergência, mas encorajo-os a discutir e compartilhar suas perspectivas.

O grupo demonstrou interesse na história de Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, e decidiu usá-la como ponto de partida para sua própria narrativa teatral. Alguns alunos só estavam familiarizados com as adaptações cinematográficas da obra, por isso optamos por explorar diversas abordagens do texto original por meio de procedimentos teatrais, com o objetivo de fortalecer a leitura em sala de aula. Essa metodologia foi inspirada na pesquisa da atriz e professora Heloise Baurich Vidor (2016), que defende a integração entre os campos de teatro e literatura para superar os desafios relacionados à leitura na formação de jovens.

Nas montagens do grupo, todos são considerados protagonistas, o que equilibra e horizontaliza as relações tanto dentro quanto fora do palco. Decidimos que a personagem Alice não seria representada fisicamente na peça, não por questionar seu protagonismo, mas para

¹ Professora e diretora do Grupo de Teatro Juvenil Kefi. Educadora técnica-cultural de Teatro do Programa Bolsa Técnico Cultural da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer de Jaraguá do Sul. Mestranda em Pedagogia das Artes Cênicas – UDESC. *E-mail: thaysaplisboa@gmail.com*

experimentar um "País das Maravilhas" sem ela. Essa escolha gerou discussões e desdobramentos, visando criar uma narrativa que fosse divertida, misteriosa e, ao mesmo tempo, provocasse reflexões no público.

O espetáculo tomou forma com base na vivência e adaptações de jogos teatrais e improvisações de Viola Spolin (2001; 2007; 2010), especialmente com a criação de microcenas que exploravam o "quem", "o quê" e "onde". Em um momento específico, sugeri estruturarmos as criações em forma de dramaturgia que, segundo o *Dicionário do Teatro* (2008), organizado pelo professor francês Patrice Pavis, “é a técnica (ou a poética)” da “composição de peças de teatro” (p. 113). Permitindo, desta maneira, um estudo mais aprofundado do texto escrito e abraçando a dimensão pedagógica que este pode proporcionar. Ao considerarmos a dramaturgia como um conteúdo formativo essencial na trajetória dos alunos, fortalecemos a dimensão pedagógica que este texto pode proporcionar. Os professores Ingrid Dormien Koudela e José Simões de Almeida Junior, organizadores do *Léxico de Pedagogia do Teatro* (2015), reforçam a relevância da experiência com a criação da dramaturgia, sob a ótica pedagógica, uma vez que:

Em contextos de ensino/ aprendizagem teatral que se dão fora da escola, em contextos de educação não formal (tal como na “*ação cultural*”, entre outros), os processos de criação dramaturgica adquirem um relevo marcante, pelo fato de poderem tornar-se modo de expressão fundamental do *universo* dos participantes, sem se perder de vista a possibilidade de sua problematização propulsora de reflexão e ação, para além da formação artística e estética (2015, p.59).

A dramaturgia, nesse sentido, é um meio de criar histórias e narrativas que refletem as experiências e perspectivas dos próprios alunos, proporcionando a cada um deles um espaço para a expressão, conexão e compreensão de si mesmo e do mundo ao seu redor. Durante a sugestão de desenvolvimento da dramaturgia, um dos alunos exclamou de forma lúdica “*então, bora dramatizar!*”. Na situação, a turma se rendeu ao riso, pois ninguém havia escutado tal neologismo, que rapidamente se transformou em um poderoso símbolo de inventividade, característica que permeia a turma e o espetáculo em questão.

Essa ousadia criativa conectou os membros do grupo em um elo de expressão compartilhada, permitindo que suas vozes ecoassem dentro e fora dos palcos, uma vez que todos os integrantes buscaram trabalhar de forma colaborativa e dialógica, possibilitando não apenas o surgimento, mas o questionamento de novas ideias, sugestões e críticas, que são elementos essenciais e desempenham um papel fundamental no desenvolvimento plural desta obra teatral. Os alunos se envolveram durante cada etapa da montagem: pesquisando, apresentando e

executando suas referências para maquiagem, figurino, adereços, cenário, sonoplastia e iluminação.

A peça incorporou elementos de diferentes léxicos, como o botânico para as falas das florzinhas, que representam o júri popular, e o jurídico, precisamente pelo espetáculo se desenrolar em um tribunal, onde o mistério por trás do caso de Alice é investigado. O grupo teatral mergulha em questões sociais, expondo a corrupção e injustiças enraizadas no sistema jurídico. Revela-se um mundo onde as leis são maleáveis e não se aplicam igualmente a todos, tudo isso sob a condução de uma juíza que aceita provas contaminadas como evidências de um crime. As personagens representam diferentes facetas da sociedade e seus conflitos, tais como: preconceitos, perpetuação de *fake news*, autoritarismo, ingenuidade, entre outros.

Mas, em meio ao caos, o astuto Gato Risonho não se deixa controlar por nada nem ninguém, nem mesmo pelo próprio Tempo, personificado e central na vida de todos. Entre as personagens, o curioso sapinho Uébit esconde habilidades incomuns, como um vasto conhecimento em física e até nas leis de Newton. A advogada acelerada, representada por uma Coelho, defende o Chapeleiro, enquanto o Valete atua como advogado da Princesa de Copas, ambos suspeitos de cometer o crime contra Alice. Em meio ao espetáculo, o Tempo assume um papel preponderante, regendo a vida de todas as personagens, incluindo a plateia. É por meio da passagem do Tempo que o mistério por trás do caso de Alice é gradualmente desvendado.

No cenário tecido pelo grupo, a trama transcende o tribunal e explora as transições impactantes da infância para a adolescência e da adolescência à vida adulta, questionando o destino das nossas memórias, do imaginário e da criatividade ao longo da vida. Ao lançar luz sobre enigmas, reflexões e conflitos típicos dos desafios do crescimento e desenvolvimento biológico e emocional humano, o grupo demonstrou uma progressão em seu amadurecimento poético tanto pela imersão na pesquisa e comunicação de temas mais complexos e sensíveis quanto nas técnicas assimiladas.

O espetáculo "Quem matou Alice no País das Maravilhas?" é um reflexo do percurso de montagem do Grupo de Teatro Juvenil Kefi, mostrando como o teatro e a pedagogia teatral podem ser ferramentas valiosas para promover a expressão artística e social da juventude, consolidando conceitos e encorajando suas vozes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA JÚNIOR, José Simões de; KOUDELA, Ingrid Dormien; org. *Léxico de pedagogia do teatro*. São Paulo: Perspectiva: SP Escola de Teatro, 2015.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SPOLIN, Viola. *Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *Jogos Teatrais na sala de aula*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *Improvisação para o Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

VIDOR, H. B. *LEITURA E TEATRO: aproximação e apropriação do texto literário*. São Paulo: Hucitec, 2016